



IMPREVISTOS EM SALA DE AULA: A DISCUSSÃO FORA DO PLANEJAMENTO

***Bárbara Brognoli Donini¹**

***João Lenon Siqueira Pereira²**

Núcia Alexandra Silva de Oliveira³

Eixo temático nº 4: Práticas pedagógicas de Iniciação à Docência nos Anos Finais e Ensino Médio

Introdução

O presente trabalho visa compartilhar diferentes experiências em sala de aula vivenciadas através dos estágios pelo projeto PIBID História, especialmente no que diz respeito à recepção dos estudantes aos conteúdos e atividades propostas por nós, estagiários. A sala de aula contempla diferentes olhares e mentalidades, o que requer um cuidado bastante atento em relação às temáticas trabalhadas, mais ainda quando essas são consideradas polêmicas. Foi exatamente esta situação que nos cercou em diferentes momentos do estágio. Ao propormos trabalhar alguns temas, obtivemos recepções diversas por parte dos(as) estudantes.

De um lado, uma turma contribuiu com perguntas, argumentos, questionamentos e posicionamentos que enriqueceram o debate e foi ao encontro do que nós esperávamos atingir e, de outro lado, outra turma se mostrou resistente e discordante frente às nossas colocações. Ambas as turmas pertencem ao ensino médio, 2º e 3º ano, respectivamente, e têm aula com a mesma professora. Apesar da semelhança na faixa etária e na maneira como as aulas de história são ministradas, percebemos as divergências de pensamento, principalmente as divergências de posicionamento político, contribuindo de modo significativo na nossa formação como docentes, pois como pontuou Seffner (2011, p. 04) nas aulas acontecem imprevistos, aquilo que não é desejado nem desejável, mas que temos que saber lidar.

¹ Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC/FAED. Curso: História. Agência de fomento: Capes. E-mail: barbaradonini84@gmail.com

² Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC/FAED. Curso: História. Agência de fomento: Capes. E-mail: lenonpereira2503@hotmail.com

³ Orientadora, Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC/FAED. E-mail: nucia.oliveira@gmail.com



Objetivos

Os objetivos deste trabalho são, além de compartilhar as experiências em sala de aula, realizar possíveis diálogos entre o ensino de história e a vida prática dos estudantes, bem como compreender mecanismos que possibilitem um desempenho sério e adequado diante da turma e dos desafios vindos dela. Os momentos que surgiram de forma não planejada são bastante pontuais para pensar o papel do(a) professor(a) e sua capacidade de ministrar as aulas utilizando esses momentos como potenciais de contribuição à educação histórica, visto que “muitas vezes os comentários imprevistos dos alunos revelam caminhos produtivos de aprendizagem.” (SEFFNER, 2011, p. 05).

Referencial Teórico

Para o seguinte trabalho utilizamos teóricos da educação que pensam o ensino de História e a realidade em sala de aula. Um dos autores utilizados para a pesquisa, Fernando Seffner ressalta a importância de se fazer um ensino-aprendizado de uma história crítica nas escolas. Segundo o autor, não seria uma formação de “mini historiadores”, e sim a relação entre os conteúdos de história e a sociedade que cerca os estudantes. Seffner (2011, p.02), ainda aponta que os saberes dos docentes são saberes práticos, sobre como gerir uma aula, como avaliar os conhecimentos dos estudantes, conhecimentos sobre a cultura juvenil que cerca os alunos, estratégias para lidar com conflitos e crises e de que maneira utilizar - ou não - os imprevistos.

Esses saberes dos docentes discutidos por Seffner, são colocados pelo autor como bagagem essencial para lidar com dilemas impostos no dia-a-dia em sala de aula. Com esses saberes, os professores podem decidir se vão continuar com o planejamento da aula mesmo com um imprevisto - comentários sobre a aula, sobre política, sociedade e sexualidade - ou se aproveitam esses imprevistos para levar a aula para outro caminho. Esses conhecimentos chamados transversais, questões que tangem a vida em sociedade e que estão presentes em sala de aula, também fazem parte do saber histórico. Este, segundo Rüsen, são saberes que auxiliam o sujeito a se orientar historicamente e a formar uma identidade para agir intencionalmente na sociedade em que o cerca (RÜSEN, 2007, p. 87). Para o autor, o aprendizado histórico vai além



dos recursos pedagógicos, ele é “uma forma elementar da vida, um modo fundamental da cultura, no qual a ciência se conforma, que se realiza por ela e que a influencia de forma marcante.” (RÜSEN, 2007, p. 87). A sala de aula, portanto, não é somente um espaço de transmissão de informações, mas sim um local onde se estabelecem relações em que estudantes e professor, juntos, constroem o conhecimento. (SCHMIDT, 2004, p.31). É a partir dessas perspectivas que elaboramos esse trabalho, sempre considerando a participação discente como construtora fundamental do conhecimento histórico.

Metodologia e análise de dados

Pretendemos analisar os discursos dos estudantes durante as aulas, suas implicações no ensino e aprendizagem de história e os desdobramentos na condução das aulas a partir deles. Como pontuou Schmidt (2004, p. 30), “ensinar história passa a ser, então, dar condições ao aluno para poder participar do processo de fazer o conhecimento histórico.”

O primeiro desafio diz respeito à aula ministrada em uma turma de 3º ano do ensino médio. Propomos abordar a imprensa e a música na Era Vargas (1930-1945) como mecanismos políticos utilizados pelo governo para divulgar sua ideologia e ditar as regras do que deveria ser aceito ou não. Dentro desta proposta, apresentamos alguns elementos que evidenciam o racismo implícito presente nesses materiais. Ao explanarmos essa temática - considerada polêmica diante da polarização entre temas que são encaixados como ideológicos de esquerda ou de direita nos dias atuais - alguns estudantes se mostraram incomodados e fizeram suas colocações na contramão daquilo que havíamos falado. Houveram falas como “*não existe racismo*” ou “*existe racismo reverso quando desqualificam pessoas brancas*”. Essas colocações nos desmotivaram enquanto docentes, visto a preocupação da disciplina histórica em trabalhar com ênfase na pluralidade racial e as desigualdades existentes e tendo como objetivo principal romper com qualquer atitude discriminatória e preconceituosa.

Acreditamos que o momento citado acima revela um posicionamento político e ideológico que não depende exclusivamente da sala de aula. “Os processos de aprendizado histórico não ocorrem apenas no ensino de história, mas nos mais diversos e complexos contextos da vida concreta dos aprendizes.” (RÜSEN, 2007, p. 91). Esse exemplo nos apresenta bagagens distintas que os(as) estudantes carregam e não podem ser desconsideradas.



O segundo momento diante do inesperado aconteceu com aulas ministradas em uma turma de 2º ano do ensino médio, agora com outro conteúdo, mas com abordagens direcionadas também à mesma temática: racismo no Brasil. Nossa intervenção foi de acordo com o conteúdo “Independências na América Latina” e, conseqüentemente, estabelecendo ligações com o Brasil no mesmo período. Nossos objetivos centrais eram estudar e compreender a participação de populações indígenas e afrodescendentes nos processos de independência e as influências deste processo na arte mexicana. Vários deles se manifestaram trazendo exemplos de racismo na atualidade e se posicionando contra essa prática que precisa, sim, ser discutida à exaustão. A participação desses(as) estudantes foi essencial para que trabalhássemos de forma a problematizar várias questões políticas que perpassam o conteúdo propriamente, mas que possuem implicações diretas no contexto sociocultural dos mesmos.

Resultados

Uma questão importante para refletir as nossas práticas em sala de aula são justamente os imprevistos, sendo eles negativos - como comentários que carregam os racismos, machismos e “LGBT fobias” - ou positivos - uma discussão que partiu dos estudantes, e que levou a aula para um rumo não esperado durante o planejamento -. Acreditamos que o trabalho do professor deve ir além da discussão da matéria prevista, passando também por discussões que entrecortam a sociedade e os conteúdos ministrados em sala de aula. Os imprevistos ocorridos durante nossas aulas, que levaram à uma fuga do planejamento feito, devem ser olhados como oportunidades de discussão dos chamados temas transversais, temas que dizem respeito à educação ambiental, à cidadania e ao respeito à diversidade. Partindo desses pressupostos, consideramos relevante divulgar e discutir esses fatos, porque essas práticas acontecem, as aulas tomam rumos além dos esperados, porém, as atitudes dos(as) professores(as) determinam o que se faz a partir das colocações dos discentes.

Palavras chave: Ensino de História. Imprevistos em sala de aula. Participação discente. Desafios docentes.



Referências

RÜSEN, Jörn. **História Viva – Teoria da História III: formas e funções do conhecimento histórico**. Trad. Estevão de Rezende Martins. Brasília: Ed. da UNB, 2007.

SCHIMIDT, Maria Auxiliadora. **Ensinar História**. São Paulo: Scipione, 2004.

SEFFNER, Fernando. **Saberes da docência, saberes da disciplina e muitos imprevistos: atravessamentos no território do Ensino de História**. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, 2011.